

Almanaque da Natureza



AGENDA		
Junho	21	Solstício do Verão: 17h38.
	24	Quarto Crescente. Marés mortas.
Julho	1	Nascimento: 06h15. Ocaso: 20h55.
	2	Lua Cheia. Marés vivas.
	8	Quarto Minguante. Marés mortas.
	16	Lua Nova. Marés vivas.
	24	Quarto Crescente. Marés mortas.
	28	Dia Nacional da Conservação da Natureza.
Agosto	31	Lua Cheia. Marés vivas.
	1	Nascimento: 06h36. Ocaso: 20h39.
	7	Quarto Minguante. Marés mortas.
	9	Dia Internacional dos Povos Indígenas.
	12	Chuva de meteoros (Perseidas).
	14	Lua Nova. Marés vivas.
Setembro	22	Quarto Crescente. Marés mortas.
	29	Lua Cheia. Marés vivas.
	29	Noite Europeia dos Morcegos.
	1	Nascimento: 07h02. Ocaso: 20h01.
	5	Quarto Minguante. Marés mortas.
	13	Lua Nova. Marés vivas.
	16	Dia Mundial de Preservação da Camada de Ozono.
19	Dia Mundial de Limpeza do Litoral.	
21	Quarto Crescente. Marés mortas.	
23	Equinócio do Outono: 09h20.	

PAPA MOSCAS DE PASSAGEM

A época de reprodução do papa-moscas-preto (*Ficedula hypoleuca*) ocorre entre Junho e Agosto, mas apenas no norte da Europa e interior da Península Ibérica. Aparentemente, este pequeno pássaro só gosta de Portugal de passagem, aqui podendo ser avistado em Maio, proveniente dos seus locais de invernada na África subsaariana e, principalmente, em Setembro, quando para lá regressa em grande número. Por essa altura, os machos já perderam a sua cor negra nupcial, apresentando o dorso acastanhado com manchas brancas nas asas, tal como as fêmeas. Normalmente viajam de noite e, durante o dia, fazem uma pausa num qualquer parque urbano ou zona florestal, para reporem energias à custa de todo o tipo de insectos, sobretudo formigas. E, por algumas horas, o ambiente sonoro local muda completamente, animado pelo crepitar dos seus repetidos chamamentos “wit-wit”.



MATERNIDADE DE SERPENTES

Ao contrário das víboras, cujos dentes injectores de veneno (colmilhos) se situam mesmo à frente da boca, na cobra-de-capuz (*Macroprotodon brevis*) eles encontram-se situados na parte traseira da maxila superior e não funcionam como uma verdadeira seringa, vertendo simplesmente o veneno através de uma ranhura à sua superfície. Torna-se assim pouco provável que esta serpente consiga aplicar uma mordedura perigosa num ser humano, até porque o seu veneno neurotóxico é relativamente menos potente. Trata-se da cobra mais rara da nossa fauna e também uma das mais pequenas (comprimento máximo: 60 cm), devendo o seu nome vulgar ao colar negro que antecede a cabeça, a qual apresenta também a parte superior mais escura. Vive em pastagens, matagais, montados e zonas rochosas, encontrando-se activa sobretudo ao crepúsculo e durante a noite, refugiando-se de dia sob pedras, edifícios em ruínas ou tocas de outros animais. Alimenta-se principalmente de pequenos répteis, não desdenhando um ou outro roedor. As posturas, constituídas por 2 a 7 ovos, ocorrem em Junho ou Julho. Dois meses depois nascem os jovens.



CARDO VISCOSO E MORTÍFERO

Numa caminhada estival pelos terrenos pedregosos do Barrocal podemos deparar-nos com uma volumosa inflorescência de cor lilás ou rosada, que parece brotar directamente do solo, rodeada por grandes folhas espinhosas e prostradas, já completamente secas. Se escavarmos um pouco, veremos que a planta possui uma raiz surpreendentemente grande e grossa. Trata-se do cardo-do-visco (*Attractylis gummifera*), ainda hoje citado na farmacopeia popular como emético ou remédio contra a epilepsia e as hemorragias internas. Na verdade, trata-se de uma planta muito perigosa, sobretudo a raiz, por possuir compostos tóxicos capazes de provocar graves distúrbios hepáticos, coma hipoglicémico e, até, a morte. Como os seus nomes indicam, este estranho cardo produz uma espécie de látex amarelado que se acumula sobre a inflorescência madura e que, nalgumas regiões, é utilizado como visco para apanhar pássaros ou goma para mascar.



FÊMEAS VISTOSAS, DOMINANTES E CANIBAIS

Um macho (A), delgado e baço, de aranha-vespa (*Argiope bruennichi*), penetra timidamente na enorme teia construída pela sua potencial cara-metade entre a vegetação rasteira e onde ainda se podem observar restos de anteriores e suculentas presas, sobretudo gafanhotos. Ao centro, avista-se a fêmea (B), majestosa e gorda, três vezes maior e perigosamente listada de amarelo, negro e branco. Caso esteja receptiva, deixa-se aproximar pelo macho, seguindo-se o acasalamento. Depois, das duas uma: ou o macho deixa para trás o órgão copulatório e foge rapidamente da fêmea a oito pés, ou simplesmente é devorado por ela. A postura é depois colocada num casulo em forma de cesto acastanhado (C), agarrado à vegetação por fios de seda. No seu interior processa-se o desenvolvimento das duas ou três centenas de ovos que, bem protegidos por várias camadas de seda avermelhada, conseguem resistir aos frios do Inverno, eclodindo lá para a próxima Primavera.



FACÊTO REI DOS PEIXES

Nas águas dos nossos principais estuários, chegou a altura da desova para o peixe-rei (*Atherina presbyter*). Trata-se de uma espécie de pequeno tamanho, que habitualmente não ultrapassa 16 cm,

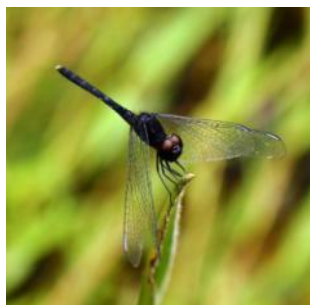


com duas barbatanas dorsais pequenas, dorso verde-azulado, flancos e ventre prateados. Ainda mais pequeno (13 cm) é o peixe-rei-do-mediterrâneo (*Atherina boyeri*), frequente no Guadiana. Estes peixes vivem em cardumes, nas águas litorais ou salobras, alimentando-se sobretudo de zooplâncton mas também de vermes, moluscos e larvas de outros peixes. Não é fácil encontrá-los nos mercados, sendo mais utilizados como isco para a pesca. No

entanto, numa altura em que cada vez se torna mais intolerável continuar a pescar e aceitar comer petingas e joaquinzinhos, isto é, sardinhas e carapaus abaixo do limite mínimo legal (respectivamente 11 e 15 cm), o peixe-rei constitui uma boa opção. Simplesmente envolto em polme de farinha antes da fritura em azeite e acompanhado de arroz de tomate, constitui um belo petisco, certamente digno, se não de um rei, pelo menos de qualquer pessoa com bom gosto.

PEQUENINAS LIBÉLULAS

Ao contrário do que possa pensar-se quanto ao tamanho relativo de libélulas e libelinhas, a verdade é que a nossa espécie mais pequena é, curiosamente, uma libélula: a pousadora-preta (*Diplacodes lefebvrei*), espécie africana que recentemente começou a instalar-se no sul da Europa. O seu tamanho pouco ultrapassa os 3 cm, apresentando corpo e veias das asas negras, embora nas fêmeas possam aparecer manchas claras espalhadas pelo abdómen. Ultrapassada que foi já a fase larvar dentro de água, surge, por esta altura, com maior frequência, voando sobre barragens, lagoas e ribeiras, sendo regularmente vista pousada na extremidade de um ramo, daí o seu nome vulgar.



FLIPPERS À VISTA



Sobre uma barbatana triangular, arqueada para trás sobre um corpo prateado, surge à superfície do oceano. Mesmo ao lado, aparece uma outra barbatana, réplica miniatura da primeira. Não há razões para pânico, pois trata-se apenas de uma fêmea de roaz-corvineiro (*Tursiops truncatus*), acompanhada do seu bebé recém-nascido. Além dos seus parentes mantidos em cativeiro no Zoomarine, alguns grupos percorrem livremente os mares do Algarve e, com um bocado de sorte, num passeio de barco ao largo da costa, é bem possível avistá-los. Nestes golfinhos, a gravidez dura cerca de um ano e, agora, o jovem segue a mãe como uma sombra, aprende com ela e com o grupo e mama sem descanso durante alguns meses, até começar a ganhar gosto pela comida caseira à base de peixes e moluscos cefalópodes (lulas, polvos). Segue os teus sonhos, pequeno Flipper, e procura ser feliz!



CENOURAS DO REINO DA HOLANDA

Até ao séc. XVI, a cenoura (*Daucus carota*) era pouco apreciada como legume, produzida mais como alimento forrageiro e sendo procurada sobretudo devido às suas propriedades medicinais e aromáticas. Tal como acontece com as suas variedades selvagens, ainda hoje muito comuns na natureza, a raiz era fina e fibrosa, apresentando cores diversas, do branco ao violeta, passando pelo vermelho, mas nunca o que hoje designamos por "cor de cenoura". A variedade alaranjada foi uma invenção dos holandeses que, desejosos de mostrar a sua lealdade à casa reinante de Orange, a desenvolveram a partir de cruzamentos entre outras variedades, obtendo uma raiz cada vez mais consistente e tomando-se, a partir do séc. XVII, predominante nos mercados. A cenoura precisa de solos soltos, profundos e sem pedras, com espaço para a raiz se desenvolver. Pode ser plantada em qualquer época do ano, incluindo o final do Verão. As sementes são colocadas a pouca profundidade em carreiros espaçados de um palmo, regando-os pela manhã mas sem deixar o solo demasiado encharcado. À medida que as plantas crescem devem ser mondadas, arrancando as que estiverem mais juntas, deixando assim espaço e nutrientes para as restantes. A colheita poderá começar uns três meses depois, à medida que a raiz for ganhando volume, não sendo conveniente deixá-las muito tempo na terra pois vão endurecendo.

Bibliografia: ✓ <http://naturdata.com/Argiope-bruennichi-13038.htm>. ✓ Nunez, D.R. (1991) "La Guia de INCAFO de las Plantas Útiles y Venenosas de la Peninsula Ibérica y Baleares" INCAFO. ✓ Sarasa, M.C. (2001), "Especies de Interés Pesquero en el Litoral de Andalucía" CAP-JA. ✓ www.avesdeportugal.info. ✓ Maravalhas, E. & Soares, A. (2013) "As Libélulas de Portugal" Booky. ✓ Wikipedia. **Ilustrações:** Papa-moscas - Achim Christoph (Creative Commons). Cobra-de-capuz - Marco Caetano. Cardo - Luis Nunes Alberto (Creative Commons). Aranha: macho - Lucarelli (Creative Commons); fêmea - Kristian Peters (Creative Commons); casulo - Hamon JP (Creative Commons). Peixe-rei - Yuri Kvach (Creative Commons). Roaz - <http://mediaarchive.ksc.nasa.gov>. Libélula - Nicolas Mézière (www.allodonata.com). **Textos e ilustrações restantes:** Almagem.